

sos filósofos, diz P. Frank (1), julgam poder admitir que os movimentos desta espécie são feitos do livre arbítrio. Fazem alusão aos movimentos dos átomos no cérebro, para os quais não querem admitir a aplicação integral das leis da mecânica. Se um ponto material se move em linha recta, com movimento uniforme, numa direcção dada *a* e que em razão duma causa qualquer, é conduzido a tomar uma outra direcção *b*; o segundo movimento terá a mesma energia que o primeiro. Contrariamente a uma mudança de velocidade, esta mudança de direcção não exige nenhuma energia, e é isso que fascina os filósofos. Pensam ter emfim encontrado mudanças mecânicas, que tem lugar sem causa mecânica; mudanças podendo portanto ser atribuídas à acção de factos de uma natureza diferente. Segundo eles, o livre arbítrio e tudo o que é do domínio do supra-físico deveria pois ser susceptível de actuar sobre a actividade cerebral por meio de semelhantes mudanças de direcção. A idéia que a alma não pode criar energia mecânica, mas que está em condições de poder dirigir à vontade os movimentos atômicos desempenha um grande papel em muitos filósofos, notavelmente em E. von Hartmann».

Assim é atribuída a livre acção aos psicoides e entelequias; «para os partidários de livre arbítrio, este factor extra-físico é a decisão livre, ela própria um caso particular da entelequia de Driesch» (Frank). Tudo isto se resume na supressão do condicionamento mecânico; fica porém logo a seguir um novo condicionalismo interno, inerente ao psicoide, entelequia, ou qualquer coisa de análogo. Suprime-se porém este condicionalismo passando ao limite, e concede-se ao psicoide uma liberdade absoluta. «E' da alma inteira, com efeito, que a decisão livre emana; e o acto será tanto mais livre quanto a série dinâmica à qual elle se liga tenderá mais a identificar-se com o eu fundamental» (Bergson). O acto livre é, assim, como faz notar Frank, um acto limite; e o mesmo autor acrescenta: «Do facto que o acto livre é descrito como um fenómeno excepcional, resulta evidentemente que a divisão de que se trata não pode ser senão psicológica; a liberdade é pois uma particularidade puramente psico-

lógica, manifestando-se em graus maiores ou menores em todos os actos humanos. Mas este psicoide, esta entelequia livre, está ainda condicionado pelo psicoide supremo, por Deus, enfim, onde se realiza a liberdade absoluta propriamente dita.

Vemos assim que o conceito é construído primeiramente por uma supressão de condições mecânicas, depois por uma supressão de condições imaginárias; é então que se recorre à passagem fictícia ao limite, por esgotamento paradoxal de um fluxo sem fim. Importa pouco a base donde se parte, e os elementos de que a Metafísica se utiliza; o processo é sempre o mesmo, e caracterizado pelo salto final ao limite. Por este processo o conceito fica assim totalmente vazio de conteúdo não só lógico, como psicológico; reduz-se a um nome, a que nenhuma representação pode corresponder; não tem conteúdo mental. E' um símbolo que define um acto psicológico ilegítimo; uma passagem ao limite impossível; com elle a intelligência precipita-se no vácuo dos conceitos sem conteúdo.

O que sucede com este conceito, succede igualmente com os de Perfeito, Homogéneo, Uno, Supremo, Bondade, Maldade, Omnisciente, Simples, Fixo, Belo e análogos. Todos partem de uma experiência empírica, do *mais e mais*, do *menos e menos*, e, por uma passagem fictícia ao limite, se transformam em absolutos Omnisciente não é mais do que o esquema empírico [mais sapiente → mais sapiente...] passado ao limite. Uno, homogéneo, é igualmente o esquema empírico [menos diverso → menos diverso...] passado igualmente ao limite.

Encontramos assim, na Metafísica, um processo geral psicológico, que elabora uma série de absolutos parciais, os quais são depois integrados no conceito geral do Ser.

Por esta forma são preparados um certo número de elementos elevados ao absoluto: o absoluto é assim o incondicionado conteúdo ficticiamente construído como acima foi dito. Falta porém dar um substractum a estes elementos. Este é realizado pela extensão incondicionada da intuição *existência*. Assim nasce o famoso Ser absoluto, material, moral, ou espiritual, o Ser de Parménides ou o «Ser de Spinoza». Tal Ser não é mais do que a abstracção de existência, dotada diversamente, conforme as metafísicas, de unidade, sim-

(1) Philipp Franck, «Le principe de la causalité»; «La fin de la physique mécaniste».